

**O FADO E AS ARTES: UM SÉCULO
DE CUMPLICIDADES E AMBIGUIDADES**

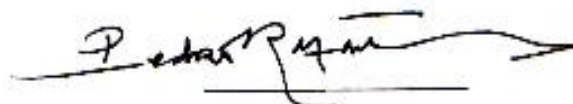
Pedro Rafael Pavão dos Santos

Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea

Janeiro, 2014

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente.
O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas
no texto, nas notas e na bibliografia.


O candidato,



Lisboa, 15 de Janeiro de 2014

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a
designar.

O(A) orientador(a),



Lisboa, 15 de Janeiro de 2014

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em História da Arte Contemporânea, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Margarida Acciaiuoli de Brito

DEDICATÓRIA

À sempre carinhosa e constante compreensão da minha mulher, Maria Teresa

À memória luminosa do Prof. Doutor Fernando Fonseca, médico de corpos e almas, presente na Grande Guerra para alívio das dores dos soldados; privado da sua cátedra pela ditadura por amor à liberdade; elemento decisivo para que existisse a Fundação Gulbenkian em Portugal; mestre de civismo e tolerância, senhor da minha gratidão infinita enquanto ser finito

À Prof.^a Margarida Acciaiuoli, pela persistência numa elevação constante do conhecimento por parte dos seus alunos — e, sobretudo, pela sua humanidade e amor ao diálogo

RESUMO

Tem esta tese por objectivo a análise de um dos nossos factores identitários, o fado, ao longo de mais ou menos um século, desde a altura em que surgiu com a forma convencionalmente assumida (voz, guitarra e viola) até meados da passada centúria, numa perspectiva do seu comportamento como canção ligada à sociedade, sobretudo urbana, nos seus momentos bons e maus — e ao indivíduo, como tradução de sentimentos, mensagens de ordem política ou de crítica social, tal como aconteceria em períodos definidos, como a transição da Monarquia para a República e desta para a Ditadura Militar, que desembocaria no Estado Novo. Com letras escritas, primordialmente por poetas populares, capazes de grandes sínteses narrativas, seja do quotidiano ou dalguma eventual *pequena* tragédia amorosa, esta canção nascida nos bairros mais pobres da capital portuguesa, associada à prostituição e outros comportamentos considerados *desviantes* pela moral burguesa, levantou as mais apaixonadas contendas, pró e contra a sua sobrevivência, sobretudo durante o longo período ditatorial e até por parte do poder então vigente, por ser alegadamente *desvirilizante*, ao mesmo tempo que os sectores contrários ao regime, também a atacavam, argumentando que aquele dela se servia como intoxicante emblema nacionalista. Foi nossa tentativa compreender e analisar (desapaixonadamente) a forma como, afinal, algo odiado pelos extremos do espectro político, que assim concordavam em alguma coisa, concentravam as respectivas forças no ataque a uma mera manifestação artística, quando a sociedade se debatia com tantos e tão reais problemas, ao longo da segunda metade do século XIX, durante o agitado período republicano e nas décadas iniciais da ditadura salazarista. Isto ao mesmo tempo que o fado despertava o interesse de cada vez mais poetas eruditos e a sua temática, por vezes irreverente e arguta, servia de inspiração às mais diversas artes, afirmando-se como elemento popular agregador no plano interno e motivo de interesse crescente no estrangeiro.

Palavras-chave: fado, canção de amor e combate social, incompreensão, interesse popular, aceitação internacional

ABSTRACT

The meaning of this work is to analyse one of our identity factors, the fado, during the period of more or less one century, since the form of a song for only one voice and specific guitars, from his birth in the middle of XIXth century to the last one. I tried to follow the behaviour of this very particular form of music towards the society, above all the one living in urban spaces, in these bad and good moments. And, of course, to the men or women isolated as a way to deal with feelings but also an opportunity for spreading political messages or criticizing the society, as it occurred in Portugal during the transition from Monarchy to Republic and from this to a long dictatorship called Estado Novo (The New State). With lyrics written mainly by popular poets, sometimes practically without any kind of formal illustration, it was a way of telling daily life stories, eventually a *tragic* love. Due to a bourgeois prejudice, since the fado came from the red light districts of Lisbon and had a reputation of being a song of prostitutes and pimps, it was always on those times a motive of condemnation from the power in place and polemics, ones claiming for his *death*, allegedly for not being a very *virile* song, and people linked to the democratic opposition sectors arguing that it was above all an intoxicated symbol of the oppressive regime. We try to understand and analyze with no passion why such a simple and humble thing could pull together in a cause both sides of the barricade, concentrating like that their energies in times of great distress and poverty for the common population, along with the monarchist period and the *conturbated* republican one and the initial phases of Salazar's dictatorship times. Meanwhile, some educated poets show a crescent interest in fado and his thematic, sometimes irreverent and very witty, the song was used as a form of secret inspiration to the arts in general. At the same time, fado's increasing fame among the Portuguese people, due to its power of being a nice if melancholic aggregation factor, was awakening a crescent interest abroad.

Key-words: fado, Portuguese song of love and social intervention, non-understanding, popular interest, international acceptance

O FADO E AS ARTES: UM SÉCULO DE CUMPLICIDADES E AMBIGUIDADES

ÍNDICE

1	— INTRODUÇÃO	
1.1	— Dos objectivos e sua justificação.....	1
1.1.1	— Pequeno discurso do método.....	4
1.2	— Nacionalismo, identidade e interrogações.....	11
1.3	— Não renegar o berço em que se nasce.....	21
2	— DA MITOLOGIA DO FADO DE LISBOA E SUAS MÚLTPLAS REPRESENTAÇÕES	
2.1	— Um «discípulo» de Camilo com posições extremadas.....	35
2.1.1	— Reformar uma raça enfezada.....	40
2.1.2	— «Fadista: pessoa que cumpre mau destino»	46
2.2	— Canto de um país atrasado e decadente.....	50
2.2.1	— A indefectível falange dos verdadeiros <i>amadores</i>	54
2.2.2	— Imagens testemunhais e personagens criadoras de imagens.....	61
2.2.3	— Entre as brumas da História e da Memória.....	69
2.3	— <i>Mãe-fundadora</i> nasce com a revolução liberal.....	80
2.3.1	— Uma mulher com ‘lume nos olhos’.....	84
2.3.2	— Com trajos modestos e aspecto tímido.....	88
2.4	— Aquele que ‘nunca enlouqueceu por amor da Severa’.....	95
2.4.1	— Os boémios a que tivemos direito.....	101
2.5	— A imparável <i>industrialização</i> do mito romântico fadista.....	116
2.5.1	— A cantatriz que inaugurou o nosso cinema sonoro.....	121

3 — DO AZUL TALASSA AO VERDE-RUBRO: O FADO E AS MUDANÇAS NA SOCIEDADE E NAS ARTES

3.1 — Uma penosa caminhada para o desejado progresso.....	124
3.1.1 — Admirável mundo novo...para alguns.....	128
3.1.2 — ‘Uma moral no poder e outra na oposição’	135
3.1.3 — Alguns <i>analistas sociais</i> quase esquecidos.....	145
3.2 — Ventos revolucionários na cidade-mãe da controversa trova.....	158
3.2.1 — Trunfo de monta na ligação ao Brasil independente.....	160
3.2.2 — Republicanos beneficiam de fileiras anarquistas mais fortes.....	168
3.2.3 — As investigações cíclicas (e eternas) sobre o regicídio.....	174
3.2.4 — Joshua Benoliel, repórter fotográfico na paz e na guerra.....	182
3.3 — ‘Viva a Pátria Portuguesa/Que a República salvou!’	185
3.4 — A condição feminina na pátria do fado.....	191
3.4.1 — O que as meninas de condição deviam ou não saber.....	198
3.5 — Rafael Bordalo Pinheiro: o País no bico do lápis.....	208
3.5.1 — Repartido entre a caricatura, a decoração e a cerâmica.....	214

4 — DAS TÍPICAS VIELAS DE LISBOA ÀS TRINCHEIRAS DA FLANDRES E... NOVO ESCÂNDALO NOS PALCOS

4.1 --- Lentas mudanças no fado em sociedade avessa a novidades.....	223
4.1.1 — Da miséria da capital aos espaços de prazer dos <i>privilegiados</i>	236
4.2 — Viva a República! ...e agora quem é que faz o resto?.....	248
4.2.1 — Feminismo: palavra de que os homens se riem ou se indignam.....	256
4.3 — A República gosta pouco de irreverências e tolera mal bizarrias.....	266
4.3.1 — O artista republicano e os irreverentes futuristas <i>talassas</i> (?).....	274
4.3.2 — Humoristas mostram nova estética com sorriso forçado.....	290

4.3.2.1 — Fernando Correia Dias: uma tragédia luso-brasileira.....	313
4.4 — A Grande Guerra cedo se faz sentir nas colónias portuguesas.....	316
4.4.1 — Sentimentos contraditórios com o fado em <i>canção de combate</i>	321
4.4.2 — Do <i>Milagre de Tancos</i> à lama das trincheiras e aos gases letais.....	329
4.4.2.1 — Nas trincheiras, sob fogo, para cantar o fado até à morte!.....	339
4.4.2.2 — Imaginário heróico para os que apenas podiam dar a vida.....	352
4.5 ----Dois exemplos teatrais marcantes com nítida influência fadista.....	363
4.5.1 ---- <i>Alfama</i> , um retrato dramático ‘fadista’ de António Botto.....	371

5 —MILITARES ABREM CAMINHO AO ESTADO NOVO; O FADO RUMA A VISÍVEL ÊXITO ALÉM-FRONTEIRAS

5.1 — O regresso dos derrotados e o estertor dos monárquicos.....	375
5.2 — ‘Uma bomba quando estala/ É coisa que não me rala...’.....	395
5.2.1 —Um fadista comunista que, depois, mudou de ideias.....	401
5.3 — Para a Ditadura e o Estado Novo rapidamente e em força.....	406
5.4 — Do burlão genial ao governante ‘eterno’ e providencial.....	418
5.4.1 —Futurista, admirador do fascismo, propagandista e tudo!.....	431
5.5 — O <i>príncipe</i> , a <i>impossível</i> e alguns <i>improváveis</i> poetas do fado.....	463
5.5.1 —Florbela Espanca: o fado, ‘minha doce canção dos deserdados’.....	469
5.5.2 —Três exílios brasileiros: um amargo, dois felizes e produtivos.....	479
5.5.3 ---Afinal, os <i>amanhãs</i> também cantam o fado.....	501
5.5.4 —E de África veio um fado para tempo novo e adverso.....	510
5.5.5 —José Régio e o fado; José Régio e o seu próprio <i>Fado</i>	520
Considerações finais	529
Bibliografia.....	552
Índice onomástico.....	573